

RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE: REPERCUSSÃO NA MÍDIA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA

Religion, Religiosity and Spirituality: Impact in the Media and Professional Training in Psychology

Religión, religiosidad y espiritualidad: Impacto en los medios de comunicación y la formación profesional en psicología

Marta Helena de Freitas

Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Psicologia da Universidade Católica de Brasília (UCB)

E-mail: mhelenadefreitas@gmail.com

Douglas Leite Piasson

Mestrado em Psicologia do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Psicologia da Universidade Católica de Brasília (UCB).

E-mail: douglaspiasson@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta um breve cenário de como o fenômeno religioso tem sido abordado na mídia geral e especializada, no decorrer das últimas décadas. Discute-se então a relevância do tema para a formação profissional em saúde, apontando-se a necessidade de se investir em mais pesquisas sobre o binômio religiosidade-saúde física e mental no país, bem como de sua inserção nos currículos de graduação desta área, favorecendo com que o futuro profissional esteja melhor habilitado para seu respectivo manejo segundo os paradigmas das reformas sanitárias e psiquiátricas.

Palavras-chave: Religiosidade. Religião. Espiritualidade. Mídia. Formação em Saúde.

Abstract

This paper presents a brief scenario of how the religious phenomenon has been discussed in the general and specialized media, over the past decades. We discuss the relevance of this subject for the vocational training and the need for investment in more research on the religiosity- physical and mental health binomial, as well as its insertion in the undergraduate curricula of these areas, favouring more qualification for the future professional and for their respective practice according to the paradigms of health and psychiatric reform in the Country.

Keywords: Religion. Religiosity. Spirituality. Media. Training in Health.

Resumen

Este trabajo presenta un corto paisaje de cómo el fenómeno religioso ha sido abordado en los medios de comunicación generales y especializados, en el transcurso de las últimas décadas, debatiendo-se la relevancia del tema para el campo de la salud y señalando la necesidad de invertir en más pesquisas acerca del binomio religiosidad-salud en Brasil, así como de su inserción en los planes de estudio de graduación en esta área, colaborando para que el futuro profesional esté mejor capacitado para su respectiva administración según los paradigmas de las reformas sanitarias de salud y reformas psiquiátricas.

Palabras claves: Religión. Religiosidad. Espiritualidad. Medios de Comunicación. Formación en Salud.

“Sempre houve duas religiões, uma das quais nos puxa para fora e para as práticas, e a outra, pelo contrário, que nos reconduz a algo de indomável em nós mesmos.”

[...]

“Aceitação é sempre apenas a metade da religião; a outra é revolta, reivindicação, apelo contra o que é, em prol daquilo que deveria ser.”

Émile-Auguste Chartier

As frases em epígrafe bem poderiam ter sido escritas por um psicólogo dos dias de hoje. Mas foram escritas por um jornalista, ensaísta e filósofo francês que viveu entre os séculos XVIII e XIX, e foi na sua época muito conhecido do grande público. De fato, o fenômeno religioso sempre interessou aos jornalistas e certamente não menos que aos profissionais das ciências da saúde. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX passou a ser um tanto marginalizado, ou no mínimo visto como objeto de suspeita, tanto por parte das ciências humanas, onde se insere a comunicação social e a psicologia, quanto por parte das ciências da saúde, onde se situa a medicina e também a psicologia, esta última um campo essencialmente interdisciplinar.

Como bem aponta Zilles (1991), ao final do século XX, a sociedade se deparava com problemas radicados no iluminismo e dele derivados, dentre os quais o fato de a fé ter-se tornado um objeto de suspeita, como ideologia de ordem ultrapassada e como força reacionária e alienante. No contexto desse processo de emancipação iluminista, encontravam-se, portanto, no meio científico e cultural, pelo menos três atitudes unilaterais a respeito do fenômeno religioso: a) Negação total da religião, que seria “a atitude que declara a religião como consciência falsa ou simples ideologia para, como tal, dever negá-la” (p. 13); b) Aceitação total da religião, que aparece “na chamada teologia natural, na filosofia transcendental, existencial e personalista de nosso século” (p. 15); e c) Descrição empírica e análise das diferentes concepções a instituições religiosas, segundo as quais as religiões e a fé são consideradas apenas do ponto de vista histórico, psicológico, sociológico, ou da análise da linguagem, sempre mediante pesquisas empíricas, esvaziando-se completamente

o seu sentido tal como vivido por aqueles que a cultivam em suas vidas.

Pode-se dizer que as características descritas acima permanecem caracterizando este início de novo século, onde processos de secularização e vitalidade religiosa continuam coexistindo, e onde as diversas racionalidades instrumentais, por mais que ainda presentes, tanto nas ciências sociais quanto nas ciências da saúde, não foram capazes de retirar do mundo contemporâneo a presença das instituições religiosas e/ou das vivências de religiosidade e espiritualidade. Deste modo, o que se registra na atualidade é que as religiões e as religiosidades estão, cada vez mais, disseminadas, diversificadas, nutridas e alimentadas, apesar de também questionadas, investigadas, ou mesmo deslocadas para outras modalidades de cunho extraeclesialístico.

No contexto brasileiro, um país onde cerca de 92% da população declara pertencimento a alguma religião formal (IBGE, 2012), tem-se observado que a religiosidade vem gradualmente se configurando como importante eixo de estudo no campo da saúde, sendo os profissionais desafiados a reconhecerem o seu lugar, sua importância e seu impacto na vida e bem-estar das pessoas. A relevância deste tema pode ser observada tanto a nível leigo quanto profissional, fazendo-se presente tanto nos diversos veículos da mídia em geral, de circulação em massa, como também das mídias especializadas, como por exemplo nas recentes discussões e produções desenvolvidas pelos conselhos de psicologia, divulgando e discutindo suas posições éticas e legais em relação ao modo como os profissionais têm lidado com o tema.

Considerando-se esta realidade, este trabalho tem como objetivo apresentar uma breve descrição, ainda que de cunho exploratório, sobre o modo como a mídia brasileira, comercial e especializada, tem abordado esta temática do fenômeno religioso no decorrer deste início de um novo século e, na sequência, discutir as implicações do binômio religiosidade-saúde para a pesquisa, formação e atuação do profissional em psicologia.

A presença do tema religioso na mídia brasileira contemporânea

Embora não se possa afirmar que a articulação entre religião e mídia seja uma questão exclusivamente contemporânea

nea, pode-se seguramente afirmar que “um dos principais modos de articulação da presença do religioso na esfera pública na atualidade produz-se através da mídia e na mídia” (Machado, 2014, p. 142). Isto se dá, dentre inúmeros outros fatores de ordem cultural, econômica, política e psicossocial, também devido aos significativos avanços tecnológicos. Tais avanços permitiram enorme variedade e sofisticação midiáticas, favorecendo sua disponibilização para diversos e diferentes setores e segmentos da sociedade. Por outro lado, a intensa presença deste tema na mídia reflete o contexto de início de um novo século e um novo milênio, intensamente caracterizados pela verdadeira reemergência do religioso e do místico na vida das pessoas e, por consequência, em seus diversos meios de comunicação. Deste modo, além dos diversos canais de rádio e televisão, bem como os jornais e revistas especificamente religiosos, temos o tema sendo constantemente abordado em diversos outros veículos midiáticos impressos ou digitais não religiosos.

Alguns eventos mundiais e outros nacionais têm contribuído para a grande atenção que o tema da religião e seus correlatos têm obtido na mídia e nos grandes veículos de comunicação de massa. No nível mundial, exemplos destes eventos são aqueles relacionados às possíveis mudanças de paradigmas da Igreja Católica a cada vez que muda o Papa; ou às implicações religiosas de grandes descobertas científicas, como por exemplo o das células troncos; e ainda aqueles relacionados à intolerância religiosa, conflitos inter e intrareligiões, incidentes terroristas e recorrentes ameaças do Estado Islâmico, dentre outros. Todos estes eventos são acompanhados de implicações da alçada das ciências humanas e sociais como também das ciências da saúde, quais sejam: conflitos interpessoais e intrapsíquicos, discriminação, violência, medo, terror, insegurança, riscos de doenças e/ou incapacitações físicas ou mentais e morte.

No nível nacional, os eventos se relacionam, em geral, à condição de laicidade do Estado e das profissões e as implicações disso para o ensino nas escolas e para a atuação profissional em educação e saúde. Neste último caso, tem-se como exemplo as repercussões sociais e midiáticas das posições dos conselhos profissionais de saúde - em especial de psicologia e medicina - em relação ao tema da religião / religiosidade e respectivo tratamento dos pacientes em hospitais ou consultórios particulares. Nos últimos anos, registrou-se

cotidianamente tais repercussões nos manifestos de diversos segmentos - políticos, ideológicos, religiosos, profissionais, jurídicos, dentre outros, os quais têm repercutido significativamente na produção midiática, seja nas matérias veiculadas nas mídias de comunicação em massa, seja nas publicações especializadas, no âmbito de cada um destes segmentos, como se abordará em mais detalhes mais adiante.

Um exame exploratório recente das diversas temáticas recorrentes em matérias e reportagens de jornais e revistas impressas e digitais no Brasil, ainda que não sistemático e realizado sem nenhuma pretensão de determinar uma tipologia das produções midiáticas brasileiras sobre o tema da religião ou da religiosidade, permite constatar serem estas produções bastante complexas e variegadas. Grosso modo, observa-se principalmente três grandes tendências, que podem ser elencadas, para efeitos do que se pretende discutir aqui, em três espécies de modalidades: religião e terrorismo, religião e ciência e religião e saúde. A primeira delas, embora também plena de implicações para o campo da atuação em saúde física e mental, não será foco neste artigo, justamente porque mereceria um trabalho especificamente voltado para o assunto. A segunda modalidade - religião e ciência, por oferecer uma espécie de contexto e pano de fundo para a terceira, será aqui brevemente descrita. Na sequência, elegemos, então, a terceira categoria - religião e saúde, como figura central deste trabalho, sendo, por isso, apresentada e discutida em maiores detalhes.

Religião e Ciência

Diversos tópicos relacionados às relações entre religião e ciência, tem ganhado espaço na imprensa falada, escrita e virtual, seja por meio de discussões, debates, entrevistas, artigos, reportagens ou opiniões. Exemplo significativo do grande interesse neste tópico, por parte dos meios de comunicação, foi a iniciativa da Folha de São Paulo, há cerca de três anos atrás, em criar um blog intitulado: “Darwin e Deus: um blog sobre teoria da evolução, ciência, religião e a terra de ninguém entre elas”¹. Criado em 06 de março de 2013, o blog é produzido pelo jornalista Reinado José Lopes e aborda estudos diversos e recentes sobre a evolução humana e dos

¹ (<http://darwinedeus.blogfolha.uol.com.br/DEstrado>).

demais seres vivos, procurando descrever, popularizar e discutir o que e como a ciência se pronuncia sobre os fenômenos da fé e da história da religião.

As revistas informativas semanais e os jornais de circulação diária têm frequentemente abordado o tema da fé *versus* razão e seus respectivos embates ou possíveis conciliações e complementaridades. Exemplo disso é a matéria de capa da Revista Veja, em edição de 1º de novembro de 2014, intitulada “Entre a fé e a razão”², com reportagem de Rinaldo Gama sobre a fala do papal Francisco sobre o *Big Bang* e a teoria da evolução, considerada como parte de um esforço histórico — e difícil — de convivência dos dogmas católicos com o pensamento científico. Outro exemplo é matéria intitulada “Jovens brasileiros conciliam bem ciência e religião”, veiculada pelo Caderno de Saúde do Estadão, em sua edição de 28 de abril de 2012³, mencionando e discutindo resultados de pesquisa segundo os quais a maioria dos estudantes do ensino médio não vê a fé como barreira à aceitação da teoria evolutiva de Darwin.

O assunto ganha também significativo espaço nas mídias religiosas, as quais em geral defendem a integração entre religião e ciência, como se vê, por exemplo, na reportagem do Jornal Opção, em sua edição 2123, de 12 de março de 2016⁴, com a matéria intitulada “União entre religião e ciência não é uma utopia; é uma necessidade”, fazendo referência à Campanha da Fraternidade deste ano conclamando as igrejas a fazerem mais do que esperar pela intervenção divina.

De outro lado, também as mídias especificamente criadas para discutir temas da ciência — como por exemplo, Revista Galileu, Revista Ciência Hoje, Revista Com Ciência — abordam o tema de modo recorrente. Alguns exemplos para ilustrar: a) Em sua edição 187, de fevereiro de 2007, a Revista Galileu trouxe reportagem intitulada “As razões fé”⁵, onde apresentam explicações dos principais líderes católicos sobre posturas da instituição quanto às pesquisas com células

troncos e teorias sobre surgimento do homem; b) a Revista Ciência Hoje, na edição 304, 11 de junho de 2013⁶, com artigo de capa intitulado “Ciência e Religião, uma guerra desnecessária”, apresenta autores para quem a tese do conflito entre ambas resulta de compreensão limitada da racionalidade e do pensamento humano; c) a Revista Com Ciência trouxe, em 10 de julho de 2004⁷, uma edição sobre evolucionismo e criacionismo, defende a ideia de que fé religiosa e racionalismo da ciência podem caminhar juntos, ao discutir algumas situações vividas pelo ensino público no país onde são adotadas exclusivamente a linha criacionista.

Religião e Saúde

A presença midiática da temática “Religião e Saúde” pode, de certo modo, ser considerada como que um subtema da modalidade “Religião e Ciência”, anteriormente descrita e ilustrada. Ela se apresenta tão ou mais recorrente que esta última, nos diversos veículos impressos e digitais, e tende a ser abordada tanto numa perspectiva mais genérica, por meio de reportagens e matérias especiais discutindo as implicações gerais da religião para a saúde ou vice-versa, como também em abordagens mais específicas, relatando e discutindo situações concretas frequentes ou eventualmente ocorridas nos contextos da medicina ou da psicologia brasileiras.

Exemplos de títulos mais genéricos e que abordam a polêmica relação entre religião e saúde podem ser vistos frequentemente nos títulos de capas dos semanários, como Veja e Isto É; em revistas de edições mensais, como Época e Super Interessante; em primeiras páginas de jornais diários, bem como em sucessivos números da revista Vivasáude. Assim, proliferam-se chamadas midiáticas como as que se seguem:

6 (<http://www.cienciahoje.org.br/revista/materia/id/730/n/uma-guerra-desnecessaria>)

7 (<http://www.comciencia.br/200407/reportagens/o8.shtml>)

2 (<http://veja.abril.com.br/ciencia/entre-a-fe-e-a-razao/>)

3 (<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,jovens-brasileiros-conciliam-bem-ciencia-e-religiao,866620>)

4 (<http://www.jornalopcao.com.br/reportagens/uniao-entre-religiao-e-ciencia-nao-e-uma-utopia-e-uma-necessidade-60737/>)

5 (<http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT1045095-1719,00.html>)

“A fé que faz bem à saúde”⁸; “Medicina e Fé”⁹; “A ciência da fé”¹⁰; “A Fé pode curar”¹¹.

Verifica-se também com frequência a publicação de entrevistas realizadas com famosos pesquisadores sobre o assunto, e.g., entrevista realizada com o psiquiatra Harold Koenig, intitulada “O poder invisível da fé”, realizada pela jornalista Fernanda Allegretti, e publicada na edição de 10 de outubro de 2012 na Revista Veja¹²; ou ainda, numa direção diametralmente oposta, a entrevista realizada pelo jornalista Raphael Velela com o professor de medicina comportamental Richard Sloan, e publicada sob o título “Pesquisador vê má fé em estudos que ligam religião e saúde”, na edição digital da mesma revista, em 06 de janeiro de 2012¹³.

Como exemplo de casos concretos e específicos ocorridos no país, e que se tornam objetos de grande repercussão da mídia, podemos citar: os conflitos e/ou aproximações entre tratamentos oferecidos pelo modelo médico e pelas religiões específicas; efeitos de determinados rituais religiosos dentro ou fora do contexto hospitalar; envolvimento de religiosos em contextos da saúde; diferenças de perspectivas no diagnóstico e tratamento à saúde mental; efeitos de substâncias usadas em rituais religiosos; implicações legais, jurídicas e éticas no emprego de métodos e recursos ligados a religiões específicas, em vez de propriamente científicos, em contextos de tratamentos médicos ou psicológicos; dentre outros. Tomemos alguns exemplos para ilustrar em mais detalhes, conforme a seguir.

Em termos dos conflitos ou aproximações entre tratamentos oferecidos pela medicina e por tradições religiosas específicas, eventos recorrentemente abordados na mídia tem sido o caso de indígenas internados em hospitais. Assim,

8 (Revista Época de março de 2007, disponível em <<http://jefferson.hol.es/Mat-esp-Rev-Epoca-Fe-saud.html>>)

9 (Revista Veja, edição 2235 de 21/09/11, <http://jefferson.hol.es/Mat-esp-Rev-Veja-Cura-Esp-Gianec.html>)

10 (Revista Super Interessante, edição 325, de novembro de 2013 <<http://super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-da-fe>>)

11 (Revista VivaSaúde, edição de 11 de março de 2013 <<http://vivasau.de.digisa.com.br/bem-estar/a-fe-pode-curar/192/#>>)

12 (<<http://docslide.com.br/documents/fe-e-saude-harold-g-koenig-revista-veja.html>>)

13 (<<http://veja.abril.com.br/ciencia/pesquisador-ve-ma-fe-em-estudos-que-ligam-religiao-e-saude/>>)

dentre inúmeros outras notícias e matérias relacionadas, pode-se ler em reportagem veiculada pelo Jornal Nacional em 20 de janeiro de 2009, matéria intitulada “Índia mordida por cobra divide médicos e pajés”¹⁴, relatando uma polêmica no estado do Amazonas, onde, de um lado, está o tratamento médico convencional e, do outro, as tradições indígenas e seu modo de cuidar do problema. Ou ainda, em matéria veiculada pelo G1, em 9 de abril de 2009, intitulada “Pajé faz ritual de cura indígena para tentar salvar garoto de cinco anos”, relatando o caso de um menino internado em São Paulo com uma doença grave, para o qual os próprios médicos a pajelança poderia gerar efeitos positivos.

Outra questão frequente refere-se às resistências ou mesmo recusas a procedimentos que envolvem doação e recepção de sangue por parte dos Testemunhas de Jeová, mesmo sob fortes recomendações médicas. Exemplo de repercussão disso é a reportagem da Revista Isto É, de 24 de novembro de 2010, na Sessão Comportamento, intitulada “A saúde acima da religião”¹⁵, divulgando e discutindo o caso de um casal mandado a júri pela justiça de São Paulo, acusado por ter “contribuído para a morte da filha ao proibir transfusão de sangue” recomendada pelos médicos do hospital onde estava internada.

O emprego do chá de origem indígena, designado como hoasca (também conhecida como Santo Daime, vegetal ou pelo seu nome andino, ayahuasca), em rituais religiosos e seus efeitos sobre a saúde é outro tema polêmico, gerando muita repercussão na mídia, conforme descreve Franco (2011) em mais detalhes. Segundo o autor, no ano de 2010, o tema alcançou índice record nas diferentes mídias nacionais e isso se deu devido à publicação, no Diário Oficial da União (DOU), do relatório final do Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT) do CONAD (Conselho Nacional Antidrogas), o qual ratificou legitimidade do “uso religioso da ayahuasca como rica e ancestral manifestação cultural que, exatamente pela relevância de seu valor histórico, antropológico e social, é credora da proteção do Estado [...]”

Deste modo, o assunto foi tema de reportagem de capa da revista Isto É, no dia 10 de fevereiro, após ter sido objeto de

14 (<<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL964736-10406,-00-INDIA+MORDIDA+POR+COBRA+DIVIDE+MEDICOS+E+PAJES.html>>)

15 (<http://istoe.com.br/111627_A+SAUDE+ACIMA+DA+RELIGIAO/>)

citação na revista *Veja*, no dia 30 do mês anterior. Ainda em março do mesmo ano, a trágica morte do cartunista Glauco e de seu filho Raoni reacendeu na mídia o debate em torno do uso da *gyahuasca*. Desta vez o tema mereceu reportagens de capa na revista *Época* (19.03.2010) e na revista *Veja* (24.03.2010), além de reportagem na revista *Carta Capital* (30.03.2010), no site do G1¹⁶, no jornal *O Globo* (27.03.2010), bem como no editorial do jornal *Folha de São Paulo* (25.03.2010), dentre inúmeras coberturas em diversas mídias nacionais. Franco (2011) aponta que uma das abordagens mais encontradas nestas reportagens é o questionamento sobre o uso religioso de uma substância que é classificada como droga alucinógena. Para a maioria das pessoas, em princípio, droga e religião não combinam.

Outro tema polêmico de grande repercussão midiática relaciona-se ao posicionamento religioso em relação às questões de gênero, mormente a homossexualidade, e os conflitos decorrentes disso com as posições do Conselho Federal de Psicologia - CFP. Desde 1999, a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade do rol de condição patológica, definindo-a como uma variação natural da sexualidade humana. Pautando-se neste mesmo entendimento, o CFP, por meio de uma resolução aprovada em 1999, proibiu os psicólogos de conduzirem terapias visando a reversão da orientação homossexual. Ocorre que essa resolução gerou muita resistência por parte dos chamados “psicólogos cristãos” e também de famílias religiosas, principalmente evangélicas. Esta situação foi acompanhada de muitos casos de denúncias e processos que ficaram famosos pela sua repercussão na mídia, dentre eles os casos das psicólogas Marisa Lobo e Rozangela Justino, ambas indiciadas pelo CFP por não cumprirem a referida resolução. A situação pareceu alcançar o ápice de sua repercussão midiática a partir da iniciativa do deputado federal João Campos em protocolar na Câmara dos Deputados, em 2011, um projeto que visava revogar a referida resolução do CFP, o qual ficou conhecido como o projeto de “Cura Gay”, como se pode constatar numa série de reportagens veiculadas no Portal EBC, *Folha de São Paulo*, *O Globo*, dentre tantos outros jornais e revistas impressas e digitais,

sejam comerciais ou vinculados aos conselhos federal ou regionais de Psicologia. Ou, ainda, os de vinculações religiosas.

Um exemplo de como este tema continua pululando na mídia ainda em 2016 é uma reportagem do G1, veiculada em 20 de fevereiro, onde aparece a fotografia de um cartaz exposto nas redes virtuais anunciando aulas que oferecem prevenção, tratamento e cura para o homossexualismo, além de “orientações para famílias e educadores à luz da Ciência e da Bíblia”. O referido cartaz divulga, em letras garrafais, que os conteúdos do curso foram cancelados pelos Ministérios Públicos Federal e do Distrito Federal e Territórios¹⁷. A reportagem, de André de Souza, informa que tanto a Procuradoria da República no DF quanto o MPDFT negaram a informação e prometiam investigar o caso.

No contexto específico da saúde mental, atrelada a esta questão da chamada “cura gay”, surgem outras relacionadas aos conflitos entre as posições dos órgãos fiscalizadores das profissões e as instituições ou grupos religiosos, que se tornam frequentemente objetos da mídia. Assim, multiplicam-se reportagens, tanto em mídias comerciais quanto especializadas, sobre as decorrências da posição adotada pelo Sistema Conselhos de Psicologia em distinguir técnicas consideradas cientificamente terapêuticas, sendo estas permitidas ao psicólogo, e aquelas que se confundem com rituais ou crenças religiosas (e.g. cura gay; terapias de vidas passadas; emprego do chá hoasca), que não podem ser exercidas em nome desta profissão.

São exemplos do exposto acima: a) notícia e apreciação crítica veiculada na *Radio Psi*, do Conselho Federal de Psicologia - CFP, em 7 de fevereiro de 2013, em matéria intitulada “Declarações de Silas Malafaia”¹⁸, sobre a manifestação pública do CFP em repúdio às declarações do pastor psicólogo Silas Malafaia, num programa de entrevista aos domingos pela SBT, nas quais declara ser a homossexualidade uma questão comportamental a ser tratada pelo psicólogo; b) reportagem de Suzane Frutuoso intitulada “A religião no divã”, veiculada na *Revista Época*¹⁹, na qual entrevistou

16 (20.03.2010, <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/o,,MUL1537324-16107,00-ALVO+DE+POLEMICA+CHA+DE+SANTO+DAIME+E+CONSUMIDO+HA+ANOS.html>>)

17 (veja em <<http://oglobo.globo.com/sociedade/ministerio-publico-vai-investigar-curso-de-cura-gay-18758095>>)

18 (<<http://site.cfp.org.br/cfp-se-posiciona-contrariamente-declaracoes-do-pastor-silas-malafaia/>>)

19 (<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/o,,EDR63796-6014,00.html>>)

psicólogos que escreveram teses e/ou formaram associações que discutem o impacto de suas próprias crenças e dos pacientes na psicoterapia; c) matéria de Isabela Otoni veiculada na Revista Fórum, em 24 de maio de 2014, intitulada “Especialistas opinam sobre “psicologia cristã”, defendida por Marisa Lobo”²⁰; d) matéria de Joel Rennó, veiculada no caderno Vida & Estilo do Jornal O Estadão, no dia 03 de agosto de 2015, intitulada “A espiritualidade no divã: o papel da religião no enfrentamento do estresse”²¹, fazendo referência e discutindo aos crescentes estudos sobre o assunto.

Além disso, em meio à polêmica envolvendo psicologia e religião, tão divulgada e abordada pela mídia, a Rede Globo chegou a produzir e levar ao ar uma novela, intitulada “Amor, eterno amor”, na qual a atriz Carolina Kasting interpretou uma psicóloga espírita, que empregava técnica de regressão a vidas passadas em pacientes, colocando ainda mais lenha na fogueira em um debate já intensamente presente e debatido na mídia e redes sociais.

Religião e Psicologia

As crescentes repercussões midiáticas do tema religioso, em conexão com a prática do psicólogo, têm levado, direta ou indiretamente, a uma interessante e significativa mudança de cenário no campo dos estudos, atuação e formação em psicologia no Brasil. Assim um tema que tendia a ser quase completamente silenciado no contexto de formação do psicólogo, por ser considerado marginal, desinteressante ou não científico – como atestam estudos realizados por Ancona-Lopez (2007; 2010) e Freitas (2002; 2006; 2013; 2014; 2015 – e, por isso, nada afeitos aos estudos e discussões no contexto acadêmico e profissional, passou a ser valorizado e reconhecido como relevante e necessário.

Desta forma, além do aumento significativo de artigos sobre temas relacionados à religião, religiosidade e espiritualidade publicados em periódicos científicos brasileiros da área de Psicologia, tem se registrado, nos últimos anos,

grande preocupação por parte do CFP e CRPs em publicar e editar informativos, documentos, manifestos, dentro outros instrumentos midiáticos, no sentido de tecer esclarecimentos e orientações sobre o assunto. Assim, por exemplo, em 2012, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), lançou uma nota pública de esclarecimento à sociedade e às(os) psicólogas(os) sobre Psicologia e religiosidade no exercício profissional²². Esta publicação veio declarar a não existência de oposição entre psicologia e religião, tornando-se um importante marco para a retomada da discussão da temática no campo psicológico em contexto brasileiro.

Já no ano seguinte a temática ganhou espaço no VIII caderno de deliberações do CFP, intitulado: “Psicologia, Ética e Cidadania: práticas profissionais a serviço da garantia de direitos”²³, onde dentre as moções aprovadas, a 15ª referia-se ao “repúdio contra ações reducionistas que atentem contra a liberdade de crença e consciência”. A discussão da temática expandiu-se, tomando proporções nacionais, acolhidas e estimuladas pelos Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs), tornando possível o aprofundamento das discussões baseadas em uma realidade nacional construída a partir das especificidades regionais.

Em 2014, o CRP-07 (Rio Grande do Sul) tratou o tema em uma mesa de encerramento do seu II Seminário Regional de Psicologia e Direitos Humanos, intitulada “Pluralismo religioso e estado laico: implicações para as práticas clínicas”²⁴, trazendo a tona a discussão da laicidade e suas repercussões na prática da clínica psicológica. No mesmo ano, em sua revista *Entre linhas*, nº68, trabalha a temática e sua repercussão profissional em uma entrevista realizada com quatro psicólogos intitulada “Psicologia, Religião e Espiritualidade: como dialogar?”²⁵.

Em 2015, o CRP-05 (Rio de Janeiro) estimulou a discussão divulgando em sua página e nas redes sociais a preocupação em uma notícia intitulada: “Psicologia, Religião e

20 (<http://www.revistaforum.com.br/2014/05/24/especialistas-opinam-sobre-psicologia-crista/>)

21 (<http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/joel-renno/a-espiritualidade-no-diva-o-papel-da-religiao-no-enfrentamento-do-estresse/>)

22 (<http://site.cfp.org.br/nota-pblica-do-cfp-de-esclarecimento-sociedade-e-so-psicologo-sobre-psicologia-e-religiosidade-no-exercicio-profissional/>)

23 (<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/08/MinutaCaderodelibera%C3%A7oesI4.08.pdf>)

24 (<http://www.crprs.org.br/comunicacao/noticias/clinica-relacoes-raciais-e-laicidade-em-debate-no-crprs-2707>)

25 (<http://www.crprs.org.br/entrelinhas68>)

Laicidade: A Psicologia como elemento de capacitação em cursos de formação religiosa”²⁶, apresentando como preocupação central as implicações éticas e técnicas de formações que divulgam o conhecimento psicológico baseando-se em fundamentos religiosos, reiterando novamente a necessidade de atenção a laicidade na psicologia.

No mesmo ano, o CRP-08 (Paraná) apresenta em suas notícias a preocupação da interlocução entre religiosidade e gênero, atualizando as publicações em sua página referente às notícias intituladas: “A relação entre Psicologia, Gênero e Religião”²⁷ e “Por que a Psicologia deve discutir gênero, diversidade sexual e espiritualidade”²⁸.

No que tange o CRP-01 (Distrito Federal), esta preocupação em se discutir a temática já fora apresentada muito previamente, desde 2005, quando em uma publicação do seu *Jornal de Psicologia*, no n° 30, dedicou a capa ao assunto, intitulada “Fé religiosa na visão do psicólogo”, e incluindo uma entrevista com o psicólogo, professor e pesquisador da Universidade de Brasília, Norberto Abreu e Silva Neto, onde o entrevistado informa sobre os trabalhos de pesquisa sobre o tema que vinha orientando nos últimos anos e faz uma distinção importante entre “Psicologia Religiosa” e “Psicologia da Religião”. Mais recentemente, em 2016, publica também uma nota intitulada “Orientando a profissão – Oferta de serviços e a experiência religiosa”²⁹ referente ao 14º plenário, na qual reconhece a importância da temática para a psicologia, afirmando, contudo, a necessidade de que dogmas e crenças pessoais do profissional não interfiram na prestação do serviço oferecido.

No que se refere às publicações e divulgação do material produzido, o CRP-06 (São Paulo) vem se destacando nos últimos anos. Em 2014, como resultados dos trabalhos de GT publicou um livro intitulado: “Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e os Saberes Tradicionais: Referências Básicas para Atuação Profissional”³⁰. Em 2015,

em sua revista *Jornal Psi*, no n°185, apresentou na página 25 um “Debate sobre a laicidade/religiosidade no âmbito da Psicologia”³¹. Por fim, recentemente, em 2016, promoveu a publicação da Coleção “Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade”, esta composta de três volumes, respectivamente intitulados: “Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas”³², “Na fronteira da Psicologia com os saberes tradicionais: Prática e técnicas”³³ e “Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não Hegemônicas”³⁴ respectivamente. Os três volumes, também disponíveis na versão impressa (CRP-SP, 2016), reúnem em seu conjunto cerca de 100 textos produzidos por profissionais e pesquisadores das diferentes universidades e regiões do trazendo, portanto, significativa contribuição aos estudantes e profissionais da área.

Implicações para a pesquisa, formação e prática profissional

A leitura das diferentes notícias, reportagens e entrevistas veiculados pela mídia geral, bem como pela mídia especializada do Sistema Conselho, relacionadas no decorrer deste artigo, bem como de tantas outras aqui não elencadas, oferece um grande manancial para se repensar a formação do psicólogo e dos profissionais de saúde em geral. Em especial no que tange à tendência - ainda vigente nas aulas, programas de disciplinas e currículos dos cursos de graduação da maioria das universidades do país - à não abordagem, de modo consistente e aprofundado, dos temas religião, religiosidade, espiritualidade e suas relações com a saúde física e mental.

O silenciamento e a marginalização do tema não podem mais ter lugar num país cuja reforma sanitária instituiu os princípios de humanização do SUS, segundo os quais, dentre outras responsabilidades, os profissionais que atuam nos serviços de saúde no país devem respeitar as singularidades das pessoas atendidas, inclusive as de natureza religiosa. Tanto o é que, desde 2009, o Conselho Nacional de Saúde

26 (<http://www.crpj.org.br/site/psicologia-religiao-e-laicidade-a-psicologia-como-elemento-de-capatacao-em-cursos-de-formacao-religiosa/>)

27 (<http://portal.crpj.org.br/noticia/a-relacao-entre-psicologia-genero-e-religiao>)

28 (<http://portal.crpj.org.br/noticia/por-que-a-psicologia-deve-discutir-genero-diversidade-sexual-e-espiritualidade>)

29 (<http://www.crp-01.org.br/?p=2755>)

30 (<http://www.crsp.org/fotos/pdf-2015-10-02-17-00-44.pdf>)

31 (<http://www.crsp.org/fotos/pdf-2015-12-10-16-02-08.pdf>)

32 (<http://www.crsp.org/fotos/pdf-2016-06-21-18-16-42.pdf>)

33 (<http://www.crsp.org/fotos/pdf-2016-06-21-18-16-50.pdf>)

34 (<http://www.crsp.org/fotos/pdf-2016-06-21-18-16-58.pdf>)

(CNS) aprovou a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde, que contém a Portaria 1.820, de 13 de agosto de 2009, a qual dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários dos serviços de saúde no Brasil. Dentre os seis princípios relacionados na carta, dois deles se relacionam diretamente ao tema aqui abordado, quais sejam: o que se refere ao direito que o cidadão tem ao atendimento humanizado, acolhedor e livre de qualquer discriminação, inclusive a religiosa; e outro que remete ao direito do cidadão de ser atendido de forma que sua pessoa, seus valores e seus direitos sejam respeitados e compreendidos, inclusive os religiosos.

Também a reforma psiquiátrica no país, ao instituir os serviços de atenção à saúde mental que vieram substituir o modelo de hospitalização psiquiátrica, exige dos profissionais a capacidade de trabalhar com a complexa rede de pessoas, serviços, grupos sociais e instituições que podem funcionar como importantes redes de apoio para viabilizar a reinserção da pessoa que sofre de algum transtorno mental, bem como a restituição de sua dignidade e cidadania, outrora tomadas pelo preconceito e pela exclusão social. Ora, num país onde a religiosidade se faz tão presente na vida das pessoas, não há como excluir o papel da religião e da espiritualidade na constituição destas redes.

Defende-se, portanto, a ideia de que, ao abordar o tema da religião e da ciência, e mais especificamente, o tema da religião e psicologia, de modo tão insistente, por mais que se possa identificar os seus inúmeros vieses ideológicos, políticos, econômicos e mesmo religiosos, a mídia tem mostrado uma questão fundamental e que muitos psicólogos tentaram negar durante muito tempo: a religiosidade e a espiritualidade são dimensões intrínsecas ao humano. Deve-se, portanto, ater-se às suas mais diversas expressões, que devem ser ouvidas, escutadas e, sobretudo, compreendidas e qualificadas como legítimas manifestações simultaneamente subjetivas e culturais, em especial num contexto multiculturalista como o é a nossa realidade brasileira.

Por mais científica que seja – e deve ser! – a formação profissional de um profissional em saúde, seja ele médico ou psicólogo, isso não vai fazer dele um ser à parte, como muito bem ressalta um pesquisador pioneiro e referência em psicologia da religião no país. Geraldo Paiva (2016)

lembra que não compete à Psicologia, como ciência, declarar os “direitos humanos” ou a “laicidade” do Estado. Mas, por outro lado, o/a psicólogo/a não é unicamente um/a cientista, pois ele/ela “continua com suas referências estéticas, religiosas, lúdicas, políticas e muitas outras compartilhadas com diversos grupos sociais” (p. 141). Estas não são simplesmente absorvidas pela sua formação profissional, embora deva e possa o/a profissional receber dela percepções diferenciadas que o/a tornam mais sensível e interessado pelo humano, pelo bem-estar das pessoas e pela qualidade dos seus vínculos sociais e intersubjetivos.

Concluimos, então, pela necessidade premente de que tanto a pesquisa como a prática e a formação profissional em psicologia no país inclua em suas agendas os temas da religião, da religiosidade e da espiritualidade, a começar pela devida distinção entre estes três conceitos e suas implicações enquanto fenômenos humanos tão presentes na vida dos brasileiros, seja pela sua afirmação, indiferença ou negação. Esta inclusão, em profundidade, certamente permitirá aos futuros psicólogos compreender melhor as afirmações do jornalista e poeta *Émile-Auguste Chartier*, empregadas como epígrafe no início deste ensaio.

Referências

ANCONA-LOPEZ, M. (2007). As crenças pessoais e os psicólogos clínicos: Orientação de dissertações e teses em Psicologia da Religião. In I. G. Arcuri & M. Ancona-Lopez. Temas em Psicologia da Religião (pp. 187-210). São Paulo: Vetor.

ANCONA-LOPEZ, M. (2010). Psicólogos e Enfrentamento Religioso. Em G. J. de Paiva & W. Zangari. VII Seminário Psicologia e Senso Religioso: Enfrentamento (Coping) Religioso e Saúde - Caderno de Resumos. Instituto de Psicologia da USP / Grupo de Trabalho “Psicologia e Religião” da ANPEPP, p. 45.

CRPSP - Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (2016). Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade, Vols. 1, 2 e 3. São Paulo: CRP-SP.

- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012). Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro.
- FRANCO, F. S. L. (2011). Os sentidos da experiência com a ayahuasca: uma leitura fenomenológica (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília.
- FREITAS, M. H. (2002). Crença religiosa e personalidade em estudantes de psicologia: um estudo por meio do Questionário Pratt e do Método de Rorschach. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e da Cultura da Universidade de Brasília.
- FREITAS, M. H. (2007). Quando o silêncio transborda, “calaboca” já morreu: religiosidade, cientificidade e formação em psicologia. Em M. H. de Freitas & O. P. Pereira (Org.). As vozes do silenciado: Estudos nas fronteiras da antropologia, filosofia e psicologia (pp. 187-205). Brasília: Universa.
- FREITAS, M. H. (2013). Religiosidade e saúde mental em imigrantes: a percepção de psiquiatras e psicólogos ingleses e brasileiros. Em M. H. Freitas; G. J. de Paiva & C. de Moraes, Psicologia da Religião no mundo ocidental contemporâneo: desafios da interdisciplinaridade, Vol. 2 (pp.257-274). Brasília: UCB.
- FREITAS, M. H. (2014). Religiosidade e saúde: experiência dos pacientes e percepção dos profissionais. Rev. Pistis Prax., 6(1), pp. 89-105.
- FREITAS, M. H. (2015). Manejo da religiosidade nos contextos da saúde: a experiência de psicólogos/as. Anais do X Seminário de Psicologia & Senso Religioso, (10). (Disponível em <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/spsr>, acessado em 30.07.2016).
- MACHADO, C. (2014). Introdução ao dossiê Religião e Mídia. Religião e Sociedade, 34(2): 139-145.
- PAIVA, G. J. (2016). Laicidade, Psicologia, Religião e Direitos Humanos. Em CRP-SP, Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas (pp.135-142). São Paulo: CRP-DP. (Coleção Psicologia, Laicidade e as relações com a religião e com a espiritualidade, Vol. 1.)
- ZILLES, U. (1991). Filosofia da religião. São Paulo: Paulinas.